

Surdez e Internet: reflexões sobre identidades e vozes surdas nas redes sociais

Wandegreice Cordeiro

greicescordeiro@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4969864584778715>

Flavia Peres

peres.flavia@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2493398194909644>

RESUMO

A era da informação estabelece uma nova conjuntura histórica, em que as interações humanas se constituem a partir da informação e da capacidade de produção e compartilhamento de conhecimentos, distribuídos em artefatos diversos. Considerando o embasamento revolucionário possibilitado pela internet, a qual potencializa novas formas de relacionamento e participação social, o presente artigo reflete sobre a inserção de pessoas surdas em redes sociais na internet e os impactos sobre suas constituições identitárias. A partir de um campo interdisciplinar com raízes em Vigotski, Elias e Bakhtin, compreende-se que a produção de significados, em comunidades virtuais, possui alcances discursivos que impactam na luta social pela inclusão de surdos. No que concerne ao reconhecimento das identidades desses sujeitos, é possível evidenciar regularidades e tensões que caracterizam legitimações, resistências e projetos diversos entre os discursos que carregam as vozes surdas na internet.

Palavras-chave: Surdez; Internet; Identidades.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o processo de inserção de surdos em redes sociais na internet e como algumas regularidades discursivas e interações, estabelecidas através de redes sociais digitais, podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de suas identidades. Assume-se, neste trabalho, que nas condições históricas contemporâneas, artefatos digitais como a internet são potenciais ferramentas sociais que originam novas formas de relacionamento e participação de pessoas surdas e impactam na constituição de suas identidades.

Para a discussão aqui proposta, inicialmente aborda-se a eminência da interação social na constituição psíquica dos sujeitos, logo de sua identidade, tomando como referência trabalhos de Vigotski (1998; 2005), Elias (1994) e Bakhtin (1994;2004). Depois,

mais especificamente, serão discutidas as implicações das redes sociais sobre a formação de identidades surdas, e alguns impactos sobre a luta pela inclusão social.

Interação e vozes surdas

A abordagem histórico-cultural da escola de Vigotski (VIGOTSKI, 1998; 2005), assumida neste trabalho, é desenvolvida por Lave e Wenger (2002), numa perspectiva de cognição como fenômeno situado e distribuído. Para eles, a prática social envolve a relação entre sujeitos e o uso de artefatos, confirmando a constituição do sujeito a partir do social. A prática social abrange atividades que serão extremamente importantes para a apreensão do conhecimento e formação identitária. Essa abordagem legitima a importância de reflexões sobre espaços e trânsitos de surdos em contextos informatizados e suas interações vivenciadas na internet, pois pressupõe-se que através da interação social o indivíduo pode construir relações sociais que originam mediações, desenvolvendo-se assim o funcionamento psíquico, a partir da internalização de movimentos externos. A memória, por exemplo, ganha contornos específicos quando distribuída em redes sociais, impactando em alcances discursivos nunca experienciados, em especial pelas pessoas surdas.

Em convergência com as ideias de Norbert Elias (1994), pode-se considerar que o processo de interação, assim como visto em Vigotski, antecede o ser individual, este não existindo sem o ser social: “não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós” (p. 152). Defende que há uma relação de interdependência entre os sujeitos sociais, a qual configura “uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes” (p.249). Essa visão de rede idealiza que o biológico e o social se influenciam mutuamente. Nessa perspectiva, o indivíduo se diferencia das demais espécies por ser o único que se constitui em sua própria vivência de mundo e da relação com seus pares (ELIAS, 2009).

Tanto Vigotski (2005) quanto Elias (1994) defendem a historicidade, em primeira instância. Acreditam que o indivíduo é um ser singular que, apesar de viver socialmente e ser influenciado por diversos fatores, possui uma história única e deve ser reconhecido e compreendido em sua particularidade (ELIAS, 1994; VIGOTSKI, 1998). Acreditam que

“contextos diferentes podem representar momentos históricos diferenciados, interferindo na forma de agir dos atores sociais” (SOUZA, 2011 p. 212), ou seja, as experiências que cada sujeito presencia serão fundamentais na constituição de sua identidade. Contudo, as histórias de vida e as vivências de cada um, certamente, foram promovidas e compartilhadas através da interação com o outro. Considerando as particularidades da sociedade em rede (CASTELLS, 1999a), uma grande parte da interação com outros se dará *a partir de e em* contextos virtuais.

Essa reflexão, ao enfatizar os aspectos contextuais e a interação com o outro, mediada linguisticamente, permite uma nova convergência teórica, agora com o círculo de Bakhtin (HOLQUIST, 1990). De modo mais amplo, ao expandir a visão de sujeito, entendendo-o como linguisticamente constituído por diversas vozes, em relação dialógica, enfatiza-se em Bakhtin (2004) o discurso do eu não configurado isoladamente, mas nas trocas comunicacionais com o discurso do outro.

O enunciado em Bakhtin é entendido como elo em uma cadeia ininterrupta; estabelecendo-se como incompleto e, portanto, à espera de uma resposta. Há uma responsividade nesses termos, no sentido de que cada ato humano é investido de posições valorativas, tema que Bakhtin (1993) aborda em seu manuscrito *Para uma filosofia do ato*, justificando as enunciações estarem sempre em uma condição axiológica frente ao mundo.

O que se estabelece no presente artigo como vozes surdas advém da noção bakhtiniana de voz, e diz respeito à polifonia constituinte dos enunciados, os quais são prenes de múltiplas vozes e carregados de ideologia, como qualquer signo. Nesse sentido, as práticas sociais de surdos em redes sociais na internet podem potencializar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de suas identidades, mas também há regularidades discursivas que limitam essas vozes ou até mesmo as silenciam.

Surdez e redes sociais na internet

Segundo Ramos (2014), as redes sociais virtuais tornaram-se uma ferramenta virtual muito utilizada pelos surdos, uma vez que diminui as barreiras em relação à

comunicação (língua), pois na internet o surdo pode se expressar e ser ouvido de forma mais efetiva. Nas redes sociais, o surdo terá um acesso mais amplo ao mundo e seus conhecimentos, informações essas que frequentemente são negadas aos sujeitos surdos ao longo da história. A expectativa de ter, na internet, um espaço virtual que pode proporcionar interação e encontros com diferentes sujeitos, traz para o indivíduo que possui um histórico de exclusão, uma oportunidade de se integrar à sociedade. E muito mais que isso, a oportunidade de construir laços sociais e mesmo erguer lutas sociais que pleiteiam suas ânsias e aspirações culturais e identitárias.

A relação entre redes sociais e comunidades virtuais na internet, posta em foco nesta seção, como conceitos que se relacionam estritamente ao de interação, implica a consideração de tais espaços como troca de experiências e posicionamentos. O lugar-tempo de onde o sujeito enuncia, quando posta, comenta, compartilha, reage ou cria uma comunidade ou página numa rede social na internet orienta, de algum modo, alguns alcances discursivos possíveis e demarca vozes específicas com signos investidos ideologicamente.

Sobre comunidade virtual, Howard Rheingold (1996) define-a como aquela em que os membros se comunicam e se organizam no ciberespaço por interesses comuns. Para Warschauer (2006), as comunidades online se caracterizam pelos vínculos sociais que alcançam, por meio de uma atmosfera contextual favorável, de acolhimento, na qual houve a transformação de um lugar presencial para um espaço online (WARSCHAUER, 2006).

Recuero (2009) argumenta que as redes sociais têm como objetivo a interação e a promoção de relacionamentos online, mas quem na realidade modifica e provoca a ação e os processos interacionais são os atores sociais. Em suas palavras: “São os atores sociais que utilizam essas redes, que constituem essas redes” (RECUERO, 2009). Assim, o indivíduo tem poder de modificar as ações que acontecem nas redes e possui autonomia para realizar suas escolhas e se posicionar diante de ideias, pois o site é apenas um sistema que precisa dos atores interagindo e atuando neste cenário.

Para Recuero (2009), a rede social se constitui de dois elementos, os atores e as conexões. A rede irá possibilitar essas conexões, que são pontos de evidência das

interações sociais no virtual. Afirma que é impossível o sujeito construir uma ação isolada na internet, pois esta conquistou um espaço de fundamental importância, logo toda e qualquer atividade desenvolvida no ambiente virtual influencia as estruturas sociais. Os sujeitos de ação, atores sociais, de acordo com Recuero (2009) se apresentarão no espaço virtual por meio de representações sociais, imagens estáticas e dinâmicas, textos e marcas de si, como por exemplo, o perfil social da rede de relacionamentos.

O ambiente virtual favorece uma interação em que se pode minimizar medos e receios, assim amplificando a liberdade de expressão nessas redes. Muitas vezes esse espaço é utilizado como amplificador de discursos por diversas pessoas e grupos que desejam ser ouvidos e querem compartilhar ideias, favorecendo movimentos sociais e mobilizações por causas diversas. Também é possível observar, nas redes, as lutas e causas que ganham repercussões através de compartilhamento e troca de informações. Warschauer (2006, p.252) considera que a internet “[...] proporciona oportunidades especiais para os grupos marginalizados, permitindo-lhes equilibrar a disputa nas situações que, normalmente, esses grupos estão em desvantagens”.

Diante dos diversos aspectos positivos e benefícios que a internet possibilita para o cenário da surdez, vale frisar que os recursos visuais são também um grande atrativo. De acordo com Quadros (2006), os surdos, em geral, são atraídos pelo mundo virtual, uma vez que essa é uma realidade contextualizada para eles que não se identificam com cultura oral. fortalecidas nesses espaços e as regularidades que podem favorecer tais práticas, motivo gerador de nossas questões iniciais e objetivos de estudo. O contato com a internet, no qual predomina a linguagem visual, trará para o surdo uma possibilidade de maior produção e compartilhamento de significados. A interação a partir da linguagem oralizada remete para o surdo uma instância classificatória de língua como sistema codificado. Trata-se de diversas atividades possibilitadas pelos artefatos digitais, cuja interação com os outros sujeitos proporcionará sentido para sua cultura.

Vale ressaltar que o conceito de multimodalidade ganha contornos expressivos, convergente com as ideias acima. Multimodalidade é conceituada como as diferentes maneiras de representação linguística que vão além da linguagem escrita, e traduz-se em múltiplas formas de linguagem: oral, escrita ou visual. Dionísio (2006) fala que os recursos

linguísticos multimodais se materializam em forma de palavras, figuras, imagens, e devido ao apelo visual, esse efeito multimodal da linguagem atrai, cada vez mais a participação de surdos nas redes sociais.

Os recursos tecnológicos, concomitante ao uso de gêneros multimodais, proporcionam um letramento visual que está diretamente relacionado à “organização social das comunidades” (DIONÍSIO, 2006, p.132). Nesse sentido, a importância do uso dos sentidos visuais, tanto para ouvintes e, mais ainda, para surdos, é possível de ser realçada. No que se refere à internet, a predominância de recurso multimodais vem se estabelecendo fortemente como recurso de navegação em interfaces gráficas.

No entanto, é interessante compreender que o uso que se faz do espaço virtual orienta regularidades nas práticas que, de algum modo, são um *continuum* de práticas vivenciadas em ambientes presenciais, ou fora do virtual. Nesse processo contínuo, as lutas sociais dos sujeitos, marcadas em suas identidades, ganham potência no virtual, pelos alcances sociais possíveis, a possibilidade de articulação de grandes proporções, manifestações de resistências coletivas e outras características enfatizadas que, quando alinhadas em favor de objetivos comuns, ganham contornos discursivos coletivos com impactos nas identidades.

Identidades surdas e contemporaneidade

Kathryn Woodward (2000), em “Identidade e diferença”, inicia uma explicação que mostra a relação entre esses dois termos. Em princípio a autora diz que a identidade é marcada pela diferença, e nos chama atenção para a ideia de que a identidade de alguém é aquilo que ela não vê no outro. A ideia se formula em pensar que tudo que negamos no outro, de certa forma, projetamos em nós. No entanto, o que vejo no outro é apenas uma representação do que imagino que ele seja. Essa representação é tratada por Woodward (2000) como fruto de mecanismos simbólicos de classificação. Assim, o que caracteriza diversas culturas e identidades é a diferença que cada uma apresenta em relação à outra. Na cultura surda essa ideia se concretiza pois a negação da cultura oralizada presente no mundo ouvinte, por exemplo, caracteriza a identidade surda que é visual-motora, por exemplo.

A construção da identidade acontece, assim, por meio do social e do simbólico, ambos ligados muito estreitamente. O primeiro de maneira que o sujeito nasce em uma cultura específica que lhe oferece um mundo carregado de significados e se identifica com determinados grupos. A construção da identidade ocorre simbolicamente em uma dimensão psíquica, ou seja, símbolos e representações sociais são construídos no campo da subjetividade, em aspectos nem sempre conscientes (WOODWARD, 2000). Segundo Perlin (2003), em relação ao sujeito surdo, a constituição da identidade social sofre uma trava, pois o mesmo vive em um meio preponderantemente oralizado, tendo suas convivências e experiências grupais restringidas ou negadas.

O conceito de identidade é apresentado de maneira diversa em contextos pós-modernos, por Hall (2006). As teorias modernas passam por mudanças que exigem transformações em aspectos culturais já estabelecidos, como: gênero, etnia, sexualidades, dentre outros. Essas transformações, que por vezes são aceitas por uns e não aceitas por outros, geram a dicotomia entre novo e velho paradigma. São dessas transformações que se fragmentam e dicotomizam a sociedade e sua identidade cultural. Tais transformações são explicadas por Hall (2006) como configuradoras de uma *crise da identidade*, e estabelece uma descentração das identidades, definindo-as em três tipos, são elas: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Para Hall (2006), o iluminismo concebe o indivíduo como um ser humano centrado e unificado pelo seu âmago interno. A ação do sujeito do iluminismo é definida por um núcleo "egocêntrico" do indivíduo cultural. A concepção de sujeito sociológico configura a noção de ser complexo em um ambiente moderno, e acredita que é através da relação com outros, ou seja, através da troca e compartilhamento entre indivíduos, que se constrói a identidade. Já o sujeito pós-moderno vive em constante movimento e sua identidade assume diferentes posicionamentos, acompanhando o curso de suas vivências. Hall (2006) considera que o indivíduo pós-moderno não possui uma identidade fixa e se define por transitar em diferentes espaços, o que o caracteriza como uma identidade flutuante.

Isso porque muitas reflexões convergem em algum ponto com as ideias de Hall, como as reflexões sobre identidades fragmentadas (2006) e múltiplas (2006). A

globalização traz à tona uma transformação nas estruturas pré-estabelecidas da sociedade, uma espécie de conflito econômico e cultural. Essa conjuntura gera as “crises de identidade”, que segundo Woodward (2000, p.20), “são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea”.

Há um alastramento cultural, assistido pela globalização, que vem originando identidades novas, as chamadas identidades globais. Santos (2010) diz que há uma tentativa, por parte das sociedades centrais, de homogeneizar os traços culturais através da globalização, especialmente a cultura de consumo. Esse movimento pretende distanciar as pessoas de suas identidades locais, e utiliza-las a favor da globalização, transformando-as (HALL, 2006; SANTOS, 2010). Santos (2010) também ressalta que nesse contexto há resistência por parte de alguns sujeitos que não aceitam a imposição de uma identidade homogênea, e é nesse contexto de resistências que surgem os movimentos sociais. Esse movimento de coação das identidades sociais refletiu-se por muitos anos na cultura surda (PERLIN, 2003). Por muito tempo teve-se a necessidade de “transformar” os surdos em ouvintes, mas uma grande parte resistiu às imposições e outra foi tomada pelos efeitos da padronização.

Lançando luz à discussão o conceito de identidade de Castells (1999b), o interesse coletivo constrói identidades que têm origens diferentes e se distinguem em três formas: a identidade legitimadora, a identidade de resistência, a identidade de projeto. A *identidade legitimadora* é definida como um conjunto de instituições dominadoras objetivando um alcance de dominação que perpassa os indivíduos e gera a sociedade civil. As instituições formadas pela sociedade civil serviam de engrenagens essenciais do Estado.

No que se refere à *identidade de resistência*, Castells (1999b, p. 24) diz que esta se constitui por pessoas que estão em situação de inferioridade “desvalorizadas ou/estigmatizadas”. Acredita que esse tipo de identidade pode ser considerado a mais importante em nossa sociedade, pois é a partir dele que se formam comunidades sociais. É essa identidade que origina as ações de resistência e os movimentos sociais em grupos

que estão em condição de oprimidos. Essas ações coletivas ganham força e destaque no cenário social e podem se transformar em *identidade de projetos*, que se caracteriza pela mudança positiva de um grupo na sociedade através de uma luta coletiva.

Embora importantes no processo de transformação social, as identidades de resistência têm pouco impacto em desestabilizar a ordem social vigente, que carregam marcas ideológicas historicamente sedimentadas, e seguem em ações como vozes isoladas no coletivo. Uma vez reunidas em coletivo, essas identidades de resistência originam identidades de projetos e podem assim galgar alcances, também, coletivos.

Garcéz (2006) traz em seu artigo intitulado “Entre o silêncio e a visibilidade: o Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos surdos”, a proposta de analisar os fóruns existentes numa rede social e verificar como se dá o processo de luta por reconhecimento da identidade surda. Montardo (2010) e Bittencourt (2011) também trazem uma discussão sobre a identidade surda e as redes sociais virtuais. Em diálogo com o trabalho de Cordeiro (2017) realçado neste artigo, ao refletir sobre as identidades existentes em grupos surdos na internet, desmistificam a ideia de unidade surda, e demonstram que há diferentes grupos surdos que carregam diferentes vozes e compõem a sociedade.

Entre outros exemplos, Cordeiro (2017) analisa que, por parte dos surdos unilaterais, percebe-se uma identidade de projetos munida de uma luta coletiva comum a seus membros. Eles defendem que os surdos bilaterais já conseguiram se posicionar diante da sociedade, inclusive, obtiveram seus direitos assegurados por lei. Outros grupos permitem afirmar que os surdos bilaterais são um exemplo de identidade legitimadora, pois já são possuidores de instituições, associações e diversas entidades. Atualmente, dos surdos bilaterais emerge uma identidade coletiva legitimadora. Ou seja, já se estabeleceram e se firmaram enquanto instituição reconhecida socialmente e cabe aos unilaterais uma organização a fim de conquistar tais direitos, isto é, uma identidade de projetos.

Nota-se que a identidade de resistência foi necessária até o momento em que o grupo conquista um espaço político, posteriormente, e se dá uma luta organizada. Vale ressaltar que postagens nas redes sociais foram motivadas pela votação do projeto de lei

no site do senado. Tudo iniciou-se com o sentimento de resistência, ou seja, uma saída do ponto de acomodação para uma ação geradora de práticas. Isto é, diante da realidade vivida por surdos unilaterais, sem direitos assegurados por lei, o que os posicionava em um “limbo” social no qual não se encaixavam em deficientes, nem típicos, estes se dispuseram em condição resistente a uma lógica existente.

A mudança identitária, segundo Hall (2006), é uma marca do sujeito pós-moderno que adota posturas distintas ao longo de sua trajetória. Reafirma-se a historicidade presente em cada sujeito, compreendendo o processo de interação entre o eu e o outro. Sendo assim, ao verem os surdos bilaterais enquanto exemplo de identidade legitimadora, os unilaterais se posicionam em ação de projetos, com objetivo de alcançar tal patamar social. De outro ponto de vista, os surdos bilaterais se posicionam em situação de projetos, tendo em vista a perspectiva dos ouvintes, em relação às conquistas de direitos. Porém, os surdos bilaterais reconhecem que já passaram por algumas etapas da luta, inclusive pensam que podem perder seus direitos conquistados a partir do momento que os unilaterais adquirirem os novos.

Considerações finais

Reconhece-se que as vozes surdas na internet, embora divergentes em muitos pontos, cruzam-se em relação a uma causa única que visa a garantia dos direitos surdos. Ainda assim, a ideia de mostrar a surdez enquanto grupo unificado é falha e não condiz com a realidade. Dentro do universo da surdez existem particularidades de grupos e, mais ainda, singularidades entre os sujeitos. É possível entender que as “vozes surdas” se organizam de maneiras distintas, em comunidades virtuais da internet, considerando as identidades entre os usuários da rede. Reflete-se que não se pode considerar uma Identidade Surda, mas Identidades Surdas. O termo no plural se dá pela diversidade no que tange as práticas sociais dos grupos, especialmente, a distorção no panorama legal de cada um. Ao focalizar-se unicamente as pessoas surdas, pode-se perceber que dentre os grupos há as identidades legitimadoras, as de projeto e de resistência.

A visão sócio antropológica constituída do sujeito surdo vislumbra um individuo universal, usuário de línguas de sinais. Analisando os diferentes grupos e o jogo de vozes, percebe-se que apesar da existência de uma luta social pela inclusão de surdos, há diferentes pontos de vista no que concerne ao reconhecimento das identidades de pessoas surdas, e as regularidades discursivas nas redes sociais na internet evidenciam isso. Com a disseminação e uso de artefatos digitais pelos surdos, estes marcam-se em suas diferenças e semelhanças. Destaca-se que há grupos que não se reconhecem como usuários de língua de sinais, bem como defendem o uso de aparelhos auditivos e implantes cocleares, o que não os descaracteriza enquanto surdos e, menos ainda, não desengrandece sua luta social e suas práticas, porém, as modifica.

A partir do processo dialógico observa-se que algumas regularidades das práticas sociais na internet em alguns momentos potencializam, em outros, limitam ou enfraquecem o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de identidades surdas. Compreende-se que a ideia de apropriação cultural, por parte dos surdos bilaterais, em relação aos surdos unilaterais, é uma regularidade que limita a luta por inclusão. O confronto entre esses grupos enfraquece a causa maior, dando margem a uma disputa de poder.

A polarização criada em torno dos grupos surdos repete a situação vivida por eles mesmos na sociedade majoritariamente ouvinte. A ideia de que se deve escolher em qual grupo o surdo está inserido cria uma atmosfera dicotômica que fragiliza o processo de reconhecimento, especialmente, o princípio de alteridade destacado por Perlin (2003). Em contrapartida, há momentos de interação entre os grupos, de maneira congruente ou divergente, que contribui para o processo interacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Trad. da ed. Americana Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.
- BITTENCOURT, Z. Z. et al. Surdez, redes sociais e proteção social. **Ciênc. Saúde coletiva**, vol.16. Rio de Janeiro, 2011.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Volume II. Paz e Terra. São Paulo, 1999b.
- CORDEIRO, W. S. Internet e práticas sociais: identidades e “vozes surdas” em comunidades virtuais. **Dissertação de Mestrado**. UFRPE-Fundaj. Recife, 2017.
- DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Vol. I: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N. Sobre os seres humanos e suas emoções. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C. (orgs.) **O Controle das Emoções**. João Pessoa: UFPB, 2009, pp. 19-45.
- GARCÉZ, R. L. **Entre o silêncio e a visibilidade: O Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos surdos**. Salvador, 2006.
- GATTO, C. TOCHETTO, T. Deficiência auditiva infantil: implicações e soluções. **Rev. CEFAC**. vol.9 no.1 São Paulo, 2007.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOUQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and His World**. London: Routledge, 1990.
- LAVE, J. WENGER, E. Prática, pessoa, mundo social. Em DANIELS, H. (org) **Uma introdução a Vygotsky**. Edições Loyola. São Paulo, 2002.
- LEVY, P. **Cibercultura**. Editora 34. São Paulo, 1999
- MARGALL, S.A.C; et al. A reabilitação do deficiente auditivo visando qualidade de vida e inclusão social. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, SP. Jan/març. 2008.
- MONDARTO, S. P. Redes temáticas na web e biossociabilidade online. **Revista Eletrônica PUCRS** - n 3. Porto Alegre, 2010.

- PERLIN, G. Surdos: o narrar e a política. Florianópolis- SC. **Revista Ponto de Vista**, nº 05, 2003.
- PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. Em **Revista Educar**, n. 2, pp. 17-31 UFPR, Curitiba, 2014.
- PERLIN, G.T. O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. **Tese de doutorado**. UFRGS, Porto Alegre, 2003.
- QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre, 1997.
- QUADROS, R. M. de. **Ideais para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120p.
- QUADROS, R. M. de. Avaliação da língua de sinais em crianças surdas na escola. **Letras de hoje**, v.39, nº 03, 2004.
- RAMOS, F. A comunidade surda e o facebook. **Revista ampliar**. Porto Alegre, 2014.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Editora Salina. Porto Alegre, 2009.
- RHEINGOLD, H. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 16. ed. Porto: B. Sousa Santos 131 e Edições Afrontamento, 2010.
- SOUZA, E. C. **Práticas sociais, cultura e inovação**: três conceitos associados. Belo Horizonte – MG. R. Adm. FACES, 2011.
- PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. Em **Revista Educar**, n. 2, pp. 17-31 UFPR, Curitiba, 2014.
- VEIGA-NETO, A.; LOPES, M. C. Inclusão como dominação do outro pelo mesmo. **Revista Unicamp**. Campinas, 2006.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. Editora Senac. São Paulo, 2006.
- WOODWARD, K. Uma introdução teórica e conceitual. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOBRE O AUTOR/ AUTORA:

Mestre em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em associação com a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), vinculado à

linha de pesquisa Desenvolvimento e Processos Educativos e Culturais da Infância e da Juventude. Especialista em Língua Brasileira de Sinais pela Faculdade Educacional da Lapa e graduada em Licenciatura em Letras na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Doutora em Psicologia Cognitiva (UFPE, 2007); Professora Associada da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na Área de Psicologia do Departamento de Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ). Possui experiência em temas relacionados às Tecnologias da Informação, Comunicação e Educação, atuando principalmente em orientação a: processos de produção de sentidos em ambientes informatizados; aprendizagem, identidade e cultura digital.